

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Jornal
19.Maio.2017
Artigo
Exposição Individual

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

Valor Econômico
Eu & Fim de Semana
Audrey Furlaneto
COD.BM.00001.2017

ARTE

Consagrada internacionalmente por pinturas, artista abre expos

Beatriz Milhaze

Nos últimos 35 anos, Beatriz Milhazes foi uma devota da pintura. Pintou no Parque Lage, no Rio, nos anos 80, quando iniciou os estudos nas artes visuais. Pintou para a Bienal de Veneza de 2003, a maior mostra do mundo, que a projetou no circuito internacional. Pintou para a Bienal de São Paulo, para a Pinacoteca, para a Fondation Cartier, para o Carnegie Hall, para o Pérez Art Museum. É de pintura seu ateliê no Horto, no Rio de Janeiro. É de pintura quase toda sua obra, salvo colagens, gravuras e os cenários que criou para espetáculos de dança. Pois foram eles, os cenários, que levaram a devota da pintura a experimentar, nos últimos sete anos, a arte fora do plano. Surgiu, assim, uma Beatriz Milhazes da escultura.

É essa a artista que abrirá uma exposição no Rio, no sábado. Sem pinturas e com esculturas, "Marola, Mariola e Marilola" vai ocupar a Carpintaria, espaço carioca da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel. O título da mostra replica os nomes das três esculturas que mostrará no Rio, onde não expunha desde 2013, quando ganhou retrospectiva no Paço Imperial. Lá, mostrou alguns móveis, mas ainda de forma mais tímida, privilegiando a pintura.

"Para mim, saltar do plano bidimensional para o tridimensional foi um processo bem lento", diz Beatriz, para já em seguida esclarecer: "A verdade é que eu sou uma artista do bidimensional". Por outro lado, passou a se interessar cada vez mais pela "ocupação do espaço", até que um cenário em especial a puxou para fora da tela.

Era 2004, e sua irmã, Márcia Milhazes, de quem é frequente colaboradora, encomendou-lhe uma cenografia. Beatriz criou um lustre. Era a primeira vez que "invadia o espaço" — até então, seus cenários eram conectados ao plano, com telas ao fundo do palco ou que se projetavam para dentro



"Como a escultura é um outro corpo, ela te atrai, e você dialoga com ela de outra maneira. Essa relação corpórea"

dele. O lustre de 2004, não. Era outra coisa — semente de escultura, pairando sobre os bailarinos em cena.

O espetáculo rendeu-lhe bons frutos — foi visto pelo curador americano Dan Cameron, na época à frente do New Museum de Nova York, em visita a São Paulo. Com os olhos programados para enxergar obras de arte, Cameron logo se concentrou no lustre.

Ao fim da apresentação, disse à artista que gostaria de expor a escultura. Ela negou de pronto. "Não, de jeito nenhum, eu disse. Isso é realmente cenário. Não estou pensando volume nem espaço no sentido escultórico. Não tem como isso entrar num museu."

Quatro anos depois, o curador reapareceu com a proposta de uma escultura. Pediu que fizesse uma obra para expor em New Or-

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

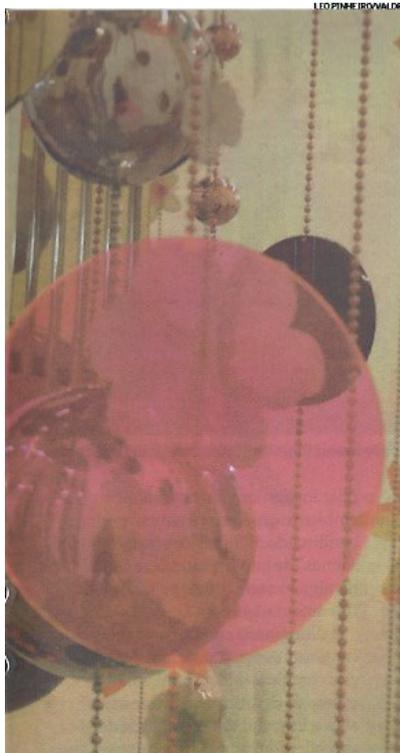
Jornal
19.Maio.2017
Artigo
Exposição Individual

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

Valor Econômico
Eu & Fim de Semana
Audrey Furlaneto
COD.BM.00001.2017

sição com esculturas. Por **Audrey Furlaneto**, para o Valor, do Rio

As em versão 3D



...oral me interessa", diz a artista Beatriz Milhazes

leans. Daquela vez, a artista carioca viu sentido na proposta. Criou uma escultura de fato, batizada de "Gamboa". "Para mim, era aquilo ali e pronto. Ia mostrar e desmanchar", lembra. "Mas não. A peça viajou, foi exposta de novo, chamou atenção. Então passei a pensar que 'Gamboa' podia se transformar num projeto 'instalativo'. Foi como um gatilho para começar a desenvolver trabalhos

que realmente discutissem o volume e que eu realmente pudesse chamar de escultura."

De certa forma, "Gamboa" também é um pouco mãe das esculturas de Beatriz. As três que serão expostas agora no Rio herdaram daquela obra "inaugural", por exemplo, a fixação no teto, como nos móveis. As três ficam suspensas no ar e nascem de um desenho plano, uma forma bidimensional que se vê no alto da escultura, perto do teto. É como se daquele plano escorressem rumo ao chão da galeria as linhas metálicas, as esferas coloridas e os demais ornamentos que formam as esculturas. Por serem grandes e feitas de elementos variados, convidam o espectador a contorná-las ou a atravessá-las, seja com o corpo, seja com as mãos. Por enquanto, a artista não imagina que sejam tocadas ou "penetradas" pelos visitantes. "Mas eu vejo nisso uma questão muito interessante: os críticos sempre falavam que minha pintura parecia convidar a pessoa a entrar na tela. Agora, as esculturas também fazem esse convite", diz.

"Marola", "Mariola" e "Marilola", as três da nova exposição, foram concebidas nos Estados Unidos, na Durham Press, onde Beatriz tem um espaço há cerca de 20 anos para trabalhar sua obra gráfica. "Quando comecei as esculturas, eu me perguntava muito: como levar algumas questões pelas quais me interesse para o espaço físico? Como trazer para o tridimensional a abstração, por exemplo, que é algo que exploro na pintura? Tudo isso foi realmente difícil. E também por isso levamos cinco anos para concluir as três peças." Demorou tanto também porque Beatriz, como diz, gosta de estar presente durante a produção, para dar ao processo o tom "artesanal" caro às obras que desenvolve: "Gosto do feito a mão, de acompanhar o desenvolvimento de perto. Daí que o processo ficou mais lento mesmo, mas também foi uma escolha minha, é a forma como trabalho".

Tão logo ficaram prontas, as três esculturas foram expostas nas galerias da artista em Nova York e em Paris. As obras são todas enormes, com altura entre 2,26m e 2,89m, bem como as pinturas da artista, cuja escala, grande desde o início de sua carreira, passou a gigantesca mais recentemente. Além do tamanho, trazem os elementos típicos da Beatriz pintora: esferas, linhas e outras formas geométricas convivem com arabescos e formas orgânicas — tudo muito colorido. O que escreveu certa vez o crítico Frederico Morais sobre sua obra pictórica parece agora se aplicar às esculturas: segundo ele, a artista "revelou, desde o início da carreira, a vontade de enfrentar a pintura como fato decorativo".

E, se da pintura veio, à pintura Beatriz voltará. "Preciso retornar para a tela, não teria como ficar só nas esculturas", afirma. É também o suporte pelo qual é mais conhecida — tanto que a editora alemã Taschen lança, neste semestre, um livro sobre sua obra, enquadrado dentro de uma série sobre grandes pintores contemporâneos, que inclui de Jeff Koons e Christopher Wool a Ai Weiwei e David Hockney.

Ainda assim, seu discurso revela um momento de investigação de suportes, que é alternado entre o afeto antigo pela pintura e a novidade da escultura. Ora ela fala das virtudes e limitações de um suporte, ora discorre sobre as possibilidades do outro. "Na pintura, você está sempre observando, assume um ponto de observação. Na escultura, não. Como a escultura é um outro corpo, ela te atrai, e você dialoga com ela de outra maneira. Essa relação corporal me interessa", diz. No minuto seguinte, retoma o posto de grande devota da pintura: "Acho interessante o fato de a pintura pedir que a pessoa entre num outro tempo, um tempo fora do real, porque a tela é bidimensional, e o mundo, tridimensional. Isso me fascina, sabe?". ■